

## O estoicismo nos contos de Gonçalo Fernandes Trancoso

DAYANE SANTOS SILVA

Graduada em Letras pelo UNIPAM. e-mail: dayane.ssilva@hotmail.com

MARIANY CORREA PIRES

Graduada em Letras pelo UNIPAM. e-mail: marianny.pires@yahoo.com.br

LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO

UNIPAM. Doutor em Estados Literários pela Unicamp.  
e-mail: luisandre.nepomuceno@gmail.com

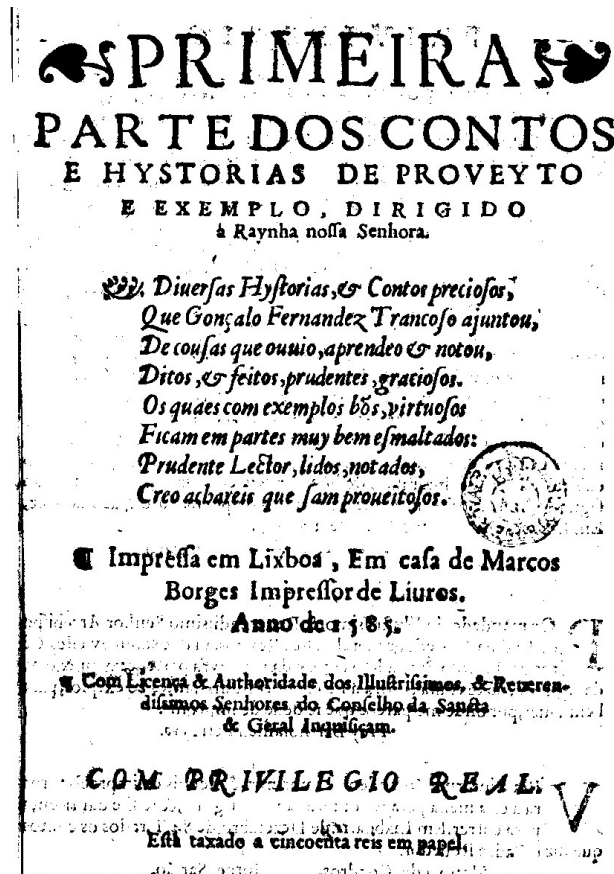


A história tornou-se famosa na literatura clássica: Grisélia (Griselda, em algumas versões) é uma camponesa pobre que, da noite para o dia, vê-se casada com o marquês Valtero e, saindo do casebre do pai, tem a sorte mudada para os luxos de um palácio. Mas Valtero, querendo provar-lhe a lealdade e a paciência, submete a esposa às provas mais cruéis e abusivas, inicialmente simulando a morte dos dois filhos, depois o retorno dela ao casebre do pai (fingindo que o povo não aceitara o casamento entre classes sociais distintas), e por fim, colocando-a como serva da casa. Grisélia suporta tudo com paciência. Comovido com a nobreza de caráter dela, Valtero revela-lhe a verdade toda. A história está na terceira parte dos *Contos e histórias de proveito e exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso. A primeira versão vinha de Boccaccio, posicionada como o último conto do *Decameron*. Trancoso, possível leitor de Boccaccio, bem como dos renascentistas espanhóis e italianos, incluiu a narrativa em seu livro como forma de evidenciar uma de suas mais expressivas teses filosóficas: a defesa das virtudes do estoicismo, especialmente a tolerância, a paciência e a resignação nas horas de adversidade. Grisélia era o modelo perfeito de tudo isso.

O nome de Gonçalo Fernandes Trancoso é certamente desconhecido do público brasileiro moderno, embora tenha escrito um dos mais editados livros de seu tempo: os *Contos e histórias de proveito e exemplo*, cuja edição *princeps* parece ter saído em 1575 em Lisboa. Muitas outras edições surgiram até o século XVIII: Anabela Mimoso (1998, p. 300) registra pelo menos 19 edições até 1764 (número impressionante, a julgar pela época, comparável ao d' *Os Lusíadas*), quando então

o livro começa a perder o interesse do público, para reaparecer em edições modernas no séc. XX.

Os dados biográficos do autor ainda permanecem escassos e inconsistentes, e os críticos têm levantado hipóteses sobre sua suposta relação com a Igreja ou com a magistratura, a considerar o conteúdo de seus contos (Nobre, 2003, p. 2), embora nenhuma dessas especulações tenha sido comprovada.



Portada da edição de 1585, dos *Contos e histórias de proveito e exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso

A história das edições e da inserção e exclusão de contos do livro, seja por parte do autor, seja por parte de censores da época, é uma questão complexa que tem movido historiadores e filólogos e que transcende inteiramente os propósitos deste estudo. Mimoso (1998), Palma-Ferreira (1974) e Nobre (1999), para nos determos apenas nas questões mais decisivas, a despeito de algumas discórdias pontuais, aceitam que a edição de 1575 (com exemplar único depositado na Biblioteca da Universidade Católica da América, em Washington) é certamente a mais antiga e a única que contou com a organização e o crivo do autor, já que a edição

de 1585, mutilada com o corte de três contos censurados pela Inquisição, parece ter sido publicada pelo filho do autor, uma vez que os créditos reais foram concedidos a ele. Nesse sentido, as edições modernas têm contado com discrepâncias inclusive no número de narrativas do livro: 38 ou 41 contos, a depender da edição tomada como referencial, e considerando os três contos que foram censurados pela Inquisição portuguesa.

Outra questão que tem sido objeto de investigação da crítica são os gêneros apresentados pelo livro, ou seja, os contos e as histórias já anunciados em seu título. Fernando Ozório Rodrigues, que organizou uma edição brasileira do livro de Trancoso, explica que o longo título contempla dois gêneros que, em Portugal no séc. XVI, apresentavam contradições e conceitos ainda imprecisos: o conto seria a narrativa breve, anedótica, com ditos sentenciosos extraídos da oralidade; e a história seria a narrativa mais longa, erudita, apresentando trama mais complexa e remontando às influências da *novella* italiana do Renascimento (desde Boccaccio), porém pelo filtro dos contistas espanhóis da mesma época (Rodrigues, 2013, p. 27).

Este estudo, diferentemente das propostas filológicas e linguísticas até então empreendidas por boa parte da crítica, compreende o plano moral, filosófico e doutrinário do autor. O objeto desta investigação foram as histórias longas, de influência italiana e espanhola, e não os contos breves, de tradição na oralidade, uma vez que este último gênero se deteve sobretudo em sentenças extraídas da cultura oral, sem as influências cultas que as histórias longas carregam em seu viés filosófico.

O livro de Trancoso, a começar pelo próprio título, apresenta um plano moralizante em sua essência, o que nos leva a entender que o autor faz literatura exclusivamente para o proveito ético de seus leitores. As circunstâncias revelam que o contista, pelo menos a julgar pelo que ele diz no “Prólogo à Rainha Nossa Senhora” (D. Catarina), foi movido pelas dificuldades pessoais e pelo luto na morte de familiares vítimas da peste que assolou Lisboa em 1569. Trata-se de uma estrutura que lembra, uma vez mais, o *Decameron* de Boccaccio, não fossem as intenções diversas do autor português, que completa: “E com ajuda de Deus pude tanto, que ao tempo que ela queria fazer chiminés de lamentações, a tirei delas, e a pus a escrever contos de aventuras, histórias de proveito e exemplo, com alguns ditos de pessoas prudentes e graves, do qual esta é a primeira parte” (Trancoso, 2013, p. 113).

Sempre a considerar a intenção excessivamente moralizante do autor, críticos modernos têm visto nos contos de Trancoso uma atmosfera arcaica, com ares medievais, movida por interesses mais doutrinários do que propriamente literários. Cristina Nobre (1999, p. 103), por exemplo, defende que a estrutura narrativa de base de Trancoso acaba sempre por “servir de apoio a uma exposição doutrinal, religiosa ou moral”. Ettore Finazzi-Agrò (1978) acrescenta que o autor português, primeiro contista da literatura lusitana a compor uma coletânea de narrativas curtas, a exemplo dos modelos italianos e espanhóis, apresenta um

maniqueísmo moral de valor terreno, a partir de imagens de um mundo pleno de certezas.

Talvez estas tenham sido as razões para o desinteresse pela obra de Trancoso a partir do Romantismo do séc. XIX: longe dos modelos de contistas prévios, o escritor português prefere não oferecer ao leitor as possibilidades que a leitura pode implicar, mas insiste na evidenciação de suas verdades éticas e na tipificação de seus personagens, sempre com uma tendência para a normatividade e para frequentes infiltrações moralizantes na estrutura narrativa. Mas isso não quer dizer que Trancoso seja necessariamente um autor fechado, sem possibilidades interpretativas. Por mais que seu texto literário conduza conscientemente o leitor a seus propósitos morais e religiosos, a leitura atenta de sua obra pode revelar hipóteses sobre marcadores históricos e sociais não pensados pelo autor, ou pelo menos não mencionados pelos intertítulos constantes das epígrafes explicativas que vêm no princípio de cada narrativa. Cristina Nobre (1999, p. 77) explica que tais intertítulos constituem a orientação mais explicitamente interpretativa da obra por parte do autor. Mas é preciso esclarecer que mesmo as epígrafes do autor não constituem o fechamento interpretativo do livro.

Cleonice Berardinelli (1985, p. 78-79), em ensaio curto, porém bastante elucidativo, sobre a obra de Trancoso, argumenta que se trata de um livro moralizante, sim, e que as virtudes mais celebradas pelo autor são a paciência na aceitação do destino e a resignação, ou seja, o contentamento com aquilo que se tem. Tais virtudes nos remetem ao quadro dos valores morais do estoicismo de Sêneca, que define a paciência, a resignação, a fortaleza e a perseverança como as qualidades máximas de seu repertório ético.

Nesse sentido, o propósito desta pesquisa foi justamente perseguir as pistas deixadas por Gonçalo Fernandes Trancoso para reconstruir o seu conjunto de valores morais, a partir de preceitos extraídos do estoicismo. Para tanto, uma seleção de contos do livro do autor português foi feita a partir de temas específicos da moral estoica.

É possível que Trancoso não tenha tido contato direto com a obra de Sêneca. Embora Rodrigues (2013, p. 20) afirme que o autor pode ter sido mestre de latim e de humanidades, com conhecimento de justiça e de astronomia (sem fontes seguras que sustentem a hipótese), Nobre (1999, p. 66), ao contrário, aponta para o caráter popular de sua obra, e especialmente para a pouca erudição humanista de Trancoso, proposição mais aceitável, a julgar pela simplicidade da linguagem e das narrativas. Isso não significa que o contista português não tenha tido qualquer contato com grandes nomes de seu tempo. Ao contrário, a crítica mais recente tem evidenciado, na composição dos *Contos e histórias de proveito e exemplo*, a possível leitura de autores espanhóis, como Juan de Timoneda; de italianos, como Boccaccio, Straparola, Cinzio, Bandello, entre outros; e ainda de livros moralistas portugueses do séc. XV, como o *Livro da virtuosa benfeitoria*, do Infante Dom Pedro, ou o *Leal Conselheiro*, de Dom Duarte. Isso, por si só, já torna evidente um viés razoavelmente erudito nas leituras de Trancoso.

Mas ainda que o contista português não tenha tido contato direto com a obra de Sêneca, é muito provável que o estoicismo lhe tenha chegado por fontes indiretas. Palma-Ferreira (1974, p. 67-68), por exemplo, afirma que o *Livro da virtuosa benfeitoria*, de Dom Pedro, por defender a prática do bem e a obediência plácida às hierarquias sociais, a partir de uma filosofia sustentada no estoicismo, parece ter sido um bom modelo para o livro de Trancoso. Em outros termos, trata-se, no caso do próprio Trancoso, de uma referência indireta, de um estoicismo lido por meio dos autores que lhe chegaram à mão, como os próprios contistas italianos ou os moralistas portugueses medievais.

Sêneca sempre contou com grande popularidade entre os teóricos e filósofos da Idade Média, a começar por Petrarca e Boccaccio, especialmente por conta de suas considerações sobre a linguagem, as virtudes e os modelos políticos. As *Cartas a Lucílio*, lidas e admiradas por Petrarca, mostraram-se modelo imprescindível para os rumos da filosofia medieval e para a consolidação do próprio estoicismo na Idade Média e no Renascimento. Os tratados estoicos de Sêneca também foram lidos e comentados por filósofos cristãos até o Renascimento. Em outros termos, muito da novelística italiana, bem como dos tratados moralistas medievais portugueses, está profundamente sustentada em Sêneca, seja por uma referência direta (pela leitura de seus textos), seja por uma relação indireta (por meio da apreensão de seus conceitos em outros autores).

O princípio moral do estoicismo é a virtude, sustentada pela serenidade da alma nas mais diversas situações, especialmente nas adversidades. Em sua carta 44 a Lucílio, Sêneca (1999, p. 149) propõe a seguinte argumentação:

A filosofia não rejeita nem elege ninguém: a sua luz brilha para todos. Sócrates nunca foi patricio; Cleantes andou acarretando água, contratado para regar um jardim; Platão não chegou à filosofia por ser nobre, ela é que o enobreceu. Por que razão perderás tu a esperança de vir a ter uma sorte idêntica? [...] Qual é o homem de natureza nobre? Aquele que pela natureza foi dotado para a virtude.

A partir de um conceito revolucionário de virtude, sustentado na própria sabedoria, mais do que na nobreza de classe, Sêneca edifica todo um conjunto de valores que alimentam esse conceito: o homem deve estar preparado para a ruína, ele dirá em seu tratado *Sobre a tranquilidade da alma* (Sêneca, 2001, p. 53 e 55); o sofrimento, ainda que difícil de suportar, é necessário à coragem e ao enfrentamento das adversidades, e portanto, ocorre para o bem da humanidade, ele diz no tratado *Sobre a providência divina* (Sêneca, 2000, p. 25 e 31); a virtude deve estar centrada em si mesma, e jamais pode ser exercida em função da riqueza ou da pobreza, elementos pontuais que não definem a condição de felicidade, ele escreve em seu tratado sobre *A vida feliz* (Sêneca, 1991, p. 54 e 60).

O modelo moral de estoicismo, nascido na Grécia, com Zenão de Cítio (séc. III a. C.) e defendido especialmente por Sêneca e Epicteto, acabou por se

banalizar na história, perdendo muito de sua originalidade filosófica. Os estoicos, sustentados no princípio da natureza, mantinham a ideia de que a filosofia de um indivíduo não estava ancorada naquilo que a pessoa diz, mas na forma como ela se comporta, conforme as regras da ordem natural, e sobretudo, conforme a serenidade da alma. Sêneca sustentou que a virtude é suficiente para a felicidade.

Foi a partir dessas considerações que o presente estudo buscou ler os *Contos e histórias de proveito e exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, considerando uma perspectiva estoica. Observa-se de antemão, por exemplo, que o princípio moral que rege o livro sustenta a ideia de que a virtude e a educação mostram-se valores acima da nobreza de classe, embora Cristina Nobre (1999, p. 193-194), não exatamente contradizendo essa afirmativa, admita que o autor revela-se contraditório, confirmando a ideologia conservadora de classe e, por vezes, revelando os nobres como indivíduos que se diferenciam pela grandeza de caráter. No entanto, nos contos de Trancoso, há personagens nobres que se comportam como vilões (veja-se Maurício, cavaleiro do duque de Alexandre de Médicis, na história III 6)<sup>1</sup>, e indivíduos pobres ou burgueses, que se comportam como nobres e virtuosos (lembre-se a exemplar Grisélia, esposa do marquês Valtero, na história III 5). Ainda que esta não seja uma regra (o conto III 1, por exemplo, contraria esse princípio), é possível pensar a virtude, do ponto de vista de Trancoso, como uma existência própria, independente da nobreza de classe social. Ao longo do livro, será possível identificar claramente os valores e as virtudes que alimentam a moral estoica, como a serenidade da alma nas horas de infortúnio, a paciência, a resignação, o controle dos ímpetos e dos afetos, a grandeza de caráter e a manutenção da honra, de tal forma que o livro de Trancoso revela-se praticamente um breviário de virtudes estoicas, adequadas a seus princípios religiosos cristãos.

No livro, portanto, há inúmeras narrativas em que se percebe nitidamente a ideia não velada do estoicismo. Como já mencionado, o volume contém 41 contos, divididos em três partes: sete deles foram aqui selecionados para análise, sob a perspectiva estoica. Nesse *corpus* escolhido, vê-se a intenção notoriamente moralizante do autor, movida por interesses mais doutrinários do que propriamente estéticos.

O primeiro conto a ser analisado (III 1) relata a história de uma jovem pobre e virtuosa, temente a Deus. Durante uma viagem com seu irmão, eles se separam, e essa moça é “sequestrada” por um nobre que a leva a um jardim e tenta tomá-la a força. Ela recorre à oração e heroicamente consegue se livrar dele. Mas o nobre não esquece a donzela e, tomado de encanto pela sua determinação virtuosa após o ocorrido, procura-a para casamento por todo o vilarejo, e quando a encontra, oferece a si como esposo. Intimidada pelo abismo das diferenças soci-

---

<sup>1</sup> Nas citações de contos de Trancoso, neste artigo, os números romanos referem-se à parte do livro e os arábicos, ao número do conto na coletânea, conforme a edição de Fernando Ozorio Rodrigues, que apresenta a relação completa das histórias, incluindo os contos proibidos pela Inquisição em 1585.

ais, ela se apresenta para ser “a menor de sua casa”, mas aceita o papel que se lhe oferece como esposa. Por meio dessa narrativa, é nítido ver quão grande valor Trancoso dá ao estoicismo, aos virtuosos, ainda que seu teor filosófico venha tomado por ares católicos na epígrafe que o autor expõe no começo da história: os honrados, “chamando por Deus, Ele lhes acode” (Trancoso, 2013, p. 117). Em outros termos, os perseverantes alcançam a recompensa.

O conto I 14 apresenta o típico trabalhador pobre e virtuoso que vive ao lado da esposa, arquétipo que será amplamente entrevisto nos contos de fadas. Saindo à procura de emprego, nosso jovem encontra um ermitão, que lhe questiona se é melhor ter um “real” bem ganhado ou cem “reais” mal ganhados. O trabalhador vai ao encontro de sua esposa para que ela o ajude a dar a resposta mais acertada. Um tempo depois, ele responde ao ermitão que prefere um “real” bem ganhado. A partir dessa resposta, o trabalhador e sua esposa são recompensados, enriquecem honestamente e se veem aclamados pela multidão.

Uma vez mais se percebe a força estoica das virtudes: os dois personagens principais dos contos acima mencionados (a donzela violentada e o trabalhador honrado) passaram por momentos de forte tribulação, mas permaneceram firmes e virtuosos, e assim sendo, obtiveram recompensas posteriores. Trata-se de contos que definem um quadro ético que, para Trancoso, estabelece limites comportamentais de indivíduos restritos a dimensões maniqueístas. Sobre isso, Cristina Nobre (1999, p. 204) acrescenta que “os bons permanecem bons e jamais se desviarão do seu caminho, por mais infelicidades que lhes aconteçam, os maus acabarão maus, por mais oportunidades que lhes tenham sido oferecidas de se mudarem”.

O último conto analisado da primeira parte (conto I 16) relata a história de dois irmãos. O mais velho deles casou-se sem o consentimento de seu pai, e por isso, o pai o amaldiçoou e o deserdou. Este filho, o primogênito, sofre muito durante toda a sua trajetória, e muitos problemas e imprevistos surgem na sua vida, mas ele permanece resignado e impassível frente às tribulações. O desenlace do conto tem os ares da felicidade do conto de fadas: Deus ampara e ajuda. A considerar esse jogo de recompensas e justiça, o estoicismo, na coletânea de Trancoso, é ilustrado quando os bons se mostram perseverantes nas tribulações, mantendo vivo um quadro de relações quase retóricas entre virtude e compensações sociais.

A segunda parte do livro, apesar de publicada postumamente 10 anos depois da edição *princeps*, portanto 1585, pouco difere da primeira, senão por um investimento maior nas narrativas de inspiração renascentista, com apoio em autores italianos e espanhóis do séc. XVI. O conto II 7 foi uma das três narrativas censuradas pela Inquisição a partir dessa referida edição, possivelmente por conta de certas evidências eróticas e de uma referência explícita ao diabo (Nobre, 1999, p. 43). Esse conto começa com um ponto de partida curioso e instigante: fala da história de um rei que nunca se ri e que decreta a seus subordinados que jamais poderiam questioná-lo sobre isto. Num certo dia, o rei recebe a visita de dois irmãos estrangeiros, um letrado e um cavaleiro, que sem saber da proibição

real, perguntam-lhe sobre a sua estranha conduta. O rei, em vez de dar uma resposta, expõe os irmãos aos motivos de sua conduta: os irmãos são desafiados pelo rei a passar 14 dias numa ilha, para descobrirem as razões intrigantes do rei. Ali, separadamente, os jovens são expostos a situações em que jamais podem impor a sua vontade, mas apenas submeter-se à vontade dos outros, base moral do controle dos ímpetos e dos afetos, conforme a doutrina estoica. Aquele que conseguir cumprir tudo o que for proposto na ilha casará com a princesa que ali se encontra aprisionada. Quem vence o desafio é o cavaleiro.

Lembrando os temas e personagens típicos dos contos de fadas, essa narrativa é ilustrativa de um dos mais reveladores preceitos do estoicismo: o controle das paixões e a aceitação das adversidades como elas se apresentam. Para Sêneca (2000), no livro *Sobre a providência divina*, convém aos homens de bem que não se apavorem diante dos fardos duros e difíceis, nem se queixem do destino; o que quer que ocorra, tomem por bem, convertam em bem. O que importa não é o quê, mas o modo como se suportam os fatos. Assim, o desafio é benigno e enobrece o ser. A vitória do cavaleiro, de resto motivação recorrente nos contos de fadas e nas histórias de cavalaria, ainda apreciadas no tempo de Trancoso, é certamente a vitória do controle dos ímpetos, a vitória da humildade sobre os arroubos da presunção de classe e de sangue.

Outra narrativa que evidencia a retidão feminina e a virtude da resignação é o conto II 8, que retrata a história de um rei que queria muito se casar e procurava por uma jovem virtuosa que o presenteasse com filhos preciosos. O rei encontrou uma mulher conforme desejava, e esta tinha duas irmãs absolutamente invejosas dela. Quando nasceram os filhos da esposa do rei, as irmãs disseram que haviam nascido monstros e não seres humanos. A rainha, durante todos os anos em que esteve ao lado do rei, permaneceu virtuosa, resignada e em conformidade com sua triste realidade, mas ainda assim, o rei a abandona. Anos depois, casualmente o rei se encanta com três crianças na casa de um pescador e descobre que se trata de seus filhos, desvelando toda a verdade sobre sua mulher: eles tiveram filhos saudáveis, lindos e preciosos, mas por inveja das irmãs da rainha, foram todos levados à casa de um pescador que os criou. O rei então reata o casamento com a rainha. A trama, bem como o desfecho deste conto, uma vez mais, mantém forte semelhança com os contos de fadas.

Considerando a natureza dos personagens dessa narrativa, Nobre afirma que o mundo de Trancoso é um mundo maniqueísta e simplificado, um mundo à medida do ouvinte/leitor de Quinhentos, que se sente seguramente preso a esse universo fechado, aristocratizante, imbuído de valores que caracterizam a essência do que é ser nobre (Nobre, 1999, p. 207).

A personagem desse conto, esposa de um rei, mostra-se o exemplo perfeito do estoicismo, da virtude, da submissão e especialmente da aceitação das adversidades conforme elas se lhe apresentam. Palma-Ferreira (1974, p. XXVIII) lembra a “excelência humana” como um dos temas centrais do humanismo do séc. XIV, exposto na filosofia e nas artes, e amplamente disseminado pelo Renascimen-



to. Trancoso, humanista e estoico, anseia por projetar em seus personagens mais elevados uma composição de grandeza e excelência, conforme a tradição humanista que recebia da Itália e da Espanha. A personagem do conto II 8 manteve-se resignada e estoica durante as dramáticas adversidades de sua vida, mas ao final, pôde contemplar a infalível fidelidade daquele quadro de relações entre virtude e retribuições sociais.

A terceira parte dos *Contos e histórias de proveito e exemplo* saiu apenas na edição de 1585, juntamente com a segunda. O tom frequente das narrativas mantém-se preso às referências filosóficas do autor, e o gênero mais recorrente é o conto de inspiração renascentista, em detrimento das narrativas curtas da oralidade medieval.

O conto III 5, já aqui referido, traz a famosa história de Valtero, marquês aventureiro que se casa com uma moça virtuosa chamada Grisélia. A inspiração inicial parece ter vindo de Juan de Timoneda, contista do renascimento espanhol, mas Manuel Ferro garante que Trancoso serviu-se originalmente do próprio Boccaccio: “o confronto deste conto com a novela boccacciana permite-nos igualmente asseverar que o contista português também conhecia o texto italiano e que se serviu dele menos literalmente do que o fez com Timoneda [...]” (Ferro, 1988-1990, p. 186). Valtero põe à prova a sua esposa de todas as formas, como que a garantir obstinadamente a certeza sobre suas virtudes. Esses testes que o jovem faz beiram a barbárie, mas Grisélia, como ideal de estoicismo, permanece inalterável diante dessas provações. Por fim, o marquês reconhece as virtudes e a nobreza de sua esposa e a mantém consigo em casamento feliz.

Ainda sobre a questão das virtudes femininas, Manuel Ferro (idem, p. 185) evidencia o recato como elemento central da cultura moral portuguesa ao longo do séc. XVI. Será esse também o tema do conto III 6, sobre outra jovem pobre, virtuosa e casta, agora violentamente raptada por Maurício, cavaleiro da casa do duque Alexandre de Médici, nas suas terras em Florença. O jovem aristocrata, enlouquecido de paixão, atropela a sua ética de cavaleiro e toma a menina por uma presa fácil, a considerar sua condição social. O duque quer fazer justiça e decreta que a pena para esse cavaleiro que roubou a moça é casar-se com ela. Todos, ao findar do conto, estão felizes com a solução dada pela justiça. Mas o que surpreende ao longo do conto é a capacidade da personagem de resistir às investidas de Maurício e manter a honra de sua castidade, com um belo discurso sobre a nobreza, duro e pontuado de uma sobriedade constrangedora: “não sei pera que quereis, por um fraco apetite, pôr tamanha nódoa em quem vós sois”, ela diz ao cavaleiro raptador. E mais: “digo que em vós não se acha senão um ânimo pusilânime, ãa vontade fementida, um coração de baixo e vil preço” (Trancoso, 2013, p. 286).

É possível perceber que as histórias de Trancoso, mantidas por um trabalho retórico, apresentam os típicos modelos ligados aos *exempla* medievais, figuras ou comportamentos que representam a perfeição moral. O *exemplum* não é um recurso novo na história, pois já era usado por Aristóteles e por filósofos e

literatos medievais.

No caso dos *Contos e histórias de proveito e exemplo*, Trancoso expõe no começo de cada história uma espécie de intervenção própria, uma epígrafe evidenciando a sua própria explicação, ou direcionamento, do desfecho moralizante. Trata-se de interferências redundantes, na medida em que buscam reforçar aquilo que a história por si só deveria dizer e, mesmo tempo, reduzir as possibilidades de ambiguidade e fornecer ao leitor determinadas certezas com que se alimente. É o que também expõe Cristina Nobre (1999, p. 222-227) sobre esse recurso de Trancoso: a intervenção exegética do narrador influencia o leitor a uma visão moralista, rumo à salvação, a partir de uma percepção moral que o próprio narrador escolheu. Nobre ainda comenta que os diversos contos de Trancoso apresentam uma estrutura fechada, cuja finalidade última é não deixar lugar a interpretações dúbias:

[...] o texto de Trancoso é claramente uma fábula fechada – a própria figura do autor/narrador se encarrega de fechar a vertigem dos possíveis com a moralidade básica, explicativa e emoldurável dos seus comentários finais. O “leitor-modelo” deve apenas limitar-se a seguir essas instruções bem definidas e definitivas, sem precisar construir, de imaginar um outro mundo de possibilidades (Nobre, 1999, pp. 25-26).

O recurso de Trancoso de evidenciar a moral da narrativa por meio de uma epígrafe explicativa, portanto, parece remontar a uma atitude claramente intencional: evitar que o leitor se desvie de seus propósitos filosóficos, nomeadamente o direcionamento estoico. Expondo seus personagens a duras provações, deseja que o leitor seja conduzido a um mundo de dores e recompensas. Mesmo Sêneca, em seu tratado *Sobre a providência divina*, dizia que é com espírito de pai que deus se volta aos homens de bem. Ele os ama profundamente, dizendo: “Que sejam atormentados por sacrifícios, dores e flagelos, para que adquiram um verdadeiro vigor” (Sêneca, 2000, p. 25). No mesmo livro, Sêneca afirma que esses fatos que chamamos de espinhosos, de funestos e abomináveis, ocorrem primeiro para o bem das próprias pessoas, e segundo, para o bem de toda a humanidade, pois os deuses devotam maior atenção ao conjunto dos homens do que aos indivíduos em particular.

Observa-se que o princípio moral que rege o livro de Trancoso sustenta a ideia de que a virtude e a educação mostram-se valores acima da nobreza de classe. Nesse quadro social, há personagens nobres que se comportam como vilões estúpidos e indivíduos pobres ou burgueses que se comportam como nobres.

De toda forma, ainda que Trancoso não tenha sido leitor direto da obra de Sêneca, seu entendimento do estoicismo poderá ter vindo da leitura de filósofos medievais que reescreveram essa escola literária, conforme paradigmas sustentados no cristianismo. Michelle Souza e Silva (2012), em estudo sobre os tratados

morais no séc. XV português, considera que o cenário de fim da Idade Média compõe uma espécie de reconfiguração da moral cristã, especialmente abordada por monarcas portugueses, em textos como *O livro da montaria* (1415-1433), de D. João I, o *Livro da virtuosa benfeitoria* (1418-1425), do Infante D. Pedro, e talvez o mais impactante deles, o *Leal conselheiro* (1437-1438), do rei D. Duarte. No todo, esses tratados sugerem uma síntese entre a  tica cristã e o estoicismo de Sêneca, oferecendo uma filosofia da prática cotidiana, apoiada no regramento dos costumes, na salvação da alma, nos cuidados de si e no controle dos ímpetos do corpo. Palma-Ferreira já havia chamado a atenção sobre isso, sugerindo as influências indiretas do estoicismo de Sêneca nos contos de Trancoso:

Embora a benfeitoria (fundamentada, basicamente, na acção de dar e radicada em formulários estóicos de doutrina moral) esteja já desfocada na obra de Trancoso, atrevemo-nos a considerar os contos como produto, ainda, das leituras moralistas que enraizam, primeiro, na sistematização realizada por D. Pedro e que, em Gonçalo Fernandes, adquirem a feição utilitarista do século novo, transpondo-se os conceitos para a forma narrativa e de entretenimento (Palma-Ferreira, 1987, p. LXVII).

Os *Contos e histórias de proveito e exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, conforme se vê, mant m uma notória perspectiva estoica, seja inspirada em Sêneca, seja tomada pelas influências indiretas, por meio da leitura dos tratados morais da Idade Média. Ao longo do livro, podem-se identificar claramente os valores e as virtudes que alimentam a moral estoica, como a serenidade da alma nas horas de infortúnio, a paciência, a resignação, o controle dos ímpetos e dos afetos, a grandeza de caráter e a manutenção da honra, de tal forma que o livro de Trancoso revela-se praticamente um manual de virtudes estoicas, adequadas a princípios religiosos cristãos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. FONTES

- Trancoso, Gonçalo Fernandes. *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (Texto integral conforme a edição de Lisboa de 1624). Prefácio, leitura de texto, glossário e notas por João Palma-Ferreira, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1974.
- Trancoso, Gonçalo Fernandes. *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*. Ed. de Fernando Ozório Rodrigues. Niterói: Editora da UFF, 2013.

2. ESTUDOS SOBRE TRANCOSO E DEMAIS REFERÊNCIAS

- Berardinelli, Cleonice, "Um *best-seller* do século XVI", *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.
- Ferro, Manuel. Aspectos da recepção do "Decameron" nos "Contos e Histórias" de Trancoso. Separata de *Estudos Italianos em Portugal*, n. 51-53, 1988-1990.
- Finazzi-Agrò, Ettore. *A novelística portuguesa do século XVI*. Trad. Carlos Moura. Amadora: Ministério da Educação e Cultura, 1978.
- Mimoso, Anabela, "Contos & Histórias de Proveito & Exemplo. Uma obra exemplar", *Línguas e Literaturas*, Revista da Faculdade de Letras do Porto, Vol. XV, 1998, p. 259-329.
- Nobre, Cristina. *Um texto instrutivo do século XVI de Gonçalo Fernandes Trancoso: Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*. Leiria: Magno Edições, 1999.
- Palma-Ferreira, João. "Prefácio", in: Trancoso, Gonçalo Fernandes. *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (texto integral conforme a edição de Lisboa de 1624). Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1974.
- Rodrigues, Fernando Ozorio. "Introdução", in: Trancoso, Gonçalo Fernandes. *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*. Niterói: Editora da UFF, 2013.
- Sêneca. *A vida feliz*. Trad. André Bartholomeu. Campinas: Pontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a brevidade da vida*. Trad. William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a tranquilidade da alma*. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a providência divina. Sobre a firmeza do homem sábio*. Trad. Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- Silva, Michelle Souza e. *Ler e ser virtuoso no século XV*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

ARTIGO RECEBIDO EM 10/02/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 26/04/2018

**RESUMO:** Gonçalo Fernandes Trancoso é, por certo, um escritor desconhecido do público moderno, embora tenha tido uma obra de impacto no séc. XVI, tendo escrito um dos mais editados livros de seu tempo: os *Contos e histórias de proveito e exemplo*, cuja edição *princeps* parece datar de 1575. Esta pesquisa estudou o plano moral, filosófico e doutrinário de Trancoso, sob o princípio moral do estoicismo, que prescreve a virtude sustentada pela serenidade da alma nas mais diversas situações, especialmente nas adversidades. O livro de Trancoso revela-se praticamente um manual de virtudes estoicas, adequadas a seus princípios religiosos cristãos. Sua leitura sugere que os *Contos e histórias de proveito e exemplo* têm perspectiva estoica, inspirada em Sêneca, ou possivelmente nos leitores portugueses de Sêneca dos sécs. XV e XVI. Para o estudo das narrativas do autor, o método de abordagem de nossa análise crítica é a hermenêutica do texto literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura e filosofia. Renascimento português. Conto português. Sêneca.

**ABSTRACT:** Gonçalo Fernandes Trancoso is a writer certainly unknown by the modern public, although he has published a work of great impact in the 16th century, having written one of the most edited books of his time: *Contos e histórias de proveito e exemplo*, whose *editio princeps* appeared in 1575. This paper aimed at studying the writer's moral, philosophical and doctrinal plan, considering the moral principles of stoicism, which prescribes the virtue sustained by the serenity of the soul in the most different situations, especially in misfortunes. Trancoso's book appears to be almost a manual of stoic virtues, adequate to his Christian moral values. The reading suggests that *Contos e histórias de proveito e exemplo* propose a stoic perspective, inspired in Seneca's work, or possibly in the Portuguese readers of the 15th and 16th centuries inspired by Seneca. For the study of Trancoso's narratives, the approach method of our critical analysis is the hermeneutics of the literary text.

**KEYWORDS:** Literature and philosophy. Portuguese Renaissance. Portuguese short-story. Seneca.